

A BUSCA PELA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL NA ESCOLA RAUL CORDULA/CAMPINA GRANDE-PB

Tássia Fernanda Santos Reis¹

Este trabalho tem como objetivo desenvolver na escola EEEFM Professor Raul Cordula localizada no Município de Campina Grande, novas concepções acerca da ideia de meio ambiente. Para isso se faz necessário trabalhar a percepção dos alunos, analisando inicialmente seus dogmas a respeito de meio ambiente através de questionário, para posteriormente apresentar para os discentes, vídeos sobre a problemática ambiental e suas possibilidades. Acreditamos que as discussões sobre o meio ambiente ampliará seus conhecimentos tornando-os mais receptivos a parte prática do plano de ação. Nesta etapa os alunos irão aprender a produzir bolsas, pufes, luminárias, dentre outros produtos com o que para eles não era matéria-prima, mas sim objeto descartável. Assim buscamos ampliar o senso crítico do educando e estimular a participação cidadã na escola já que depois de dominarem as artes dessas produções os mesmos irão repassar esses conhecimentos através de oficinas a comunidade.

Palavras chaves: materiais recicláveis, meio ambiente e educação.

Introdução

O mundo moderno exige muito de nós, principalmente da educação e de nós professores, pois a cada dia as transformações ocorrem a uma velocidade alarmante, no entanto, é dever e papel da escola buscar conectar os alunos a uma aprendizagem satisfatória, que se preocupe com o exercício da cidadania.

Assim, a educação ambiental assume um papel relevante e até mesmo desbravador, é inconcebível não evoluir, ou melhor, continuarmos com metodologias ultrapassadas, saturadas e que já não mais cabem a nossa realidade moderna. É indispensável não só para educação ambiental, mas também em conjunto com os demais temas transversais buscar alternativas que chamem atenção do aluno, que o traga de

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é professora na rede estadual de ensino da Paraíba. tassial1geo@gmail.com

volta a sala de aula, que impulse a sua curiosidade, o seu espírito investigativo. É importante que chamemos atenção de nossos educandos a partir dos estudos sobre a nossa comunidade, o nosso lugar, o lugar a onde eles vivem, trabalham, estudam.

Neste contexto, este trabalho visou chamar atenção, dá significado e trazer propostas para construir junto com os alunos uma pesquisa-ação que constituísse novos valores e uma nova ética acerca da educação ambiental. As escolas estão repletas de lixeiros de todas as cores, mas os alunos não entendem o porque separar se o transporte destinado a coleta do lixo irá juntar tudo outra vez, então este projeto desenvolvido na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio professor Raul Cordula pretendeu estimular o aluno a produzir peças, artefatos com o que seria lixo, e com isso transmitir esse conhecimento e técnicas a sua comunidade através das oficinas, despertando assim o seu interesse e sua consciência cidadã.

Contudo, propostas curriculares unidas a projetos escolares nem sempre é uma garantia de sucesso, pois tudo depende da maneira como se desenvolve e das estratégias para se atingir as finalidades, no entanto, este trabalho instigou os discentes a participarem da produção dos artefatos bem como a ampliarem suas percepções ambientais.

Contextualização e consciência ambiental

A questão ambiental e principalmente as discussões acerca da educação ambiental tornaram-se nas últimas décadas fontes de preocupação por parte de diversos segmentos das sociedades. A acentuação do consumismo em esfera mundial promovida pelo desenvolvimento do processo industrial e pelo desenvolvimento da globalização traz consigo também as características marcantes das dissimilaridades sociais e econômicas, do desperdício e da sede pela acumulação dos bens materiais.

Dentro desta lógica Reigota 1998, salienta que tudo gira em torno do capital, o livre mercado, ou neoliberalismo vem provocando demasiados problemas, tais como individualismo e fragmentação do conhecimento, que aliena, reduz, e agiliza a produção e o lucro.

De acordo com Leff:

“(…) uma crise de civilização (...) que se manifesta pelo fracionamento do conhecimento e pela degradação do ambiente, marcados pelo logocentrismo da ciência moderna e pelo transbordamento da economização do mundo guiado pela racionalidade tecnológica e pelo livre mercado”(2000, p.10).

É importante dentro desta perspectiva, desenvolver projetos e planos de ação efetivos com os educandos, para que estes se reconheçam neste espaço, caracterizado pelos excessos e formas distorcidas de usufruir do meio em que vivemos. Trabalhos desta natureza causam impactos positivos nos estudantes, pois ampliarão sua visão e seu raciocínio analítico. Pesquisas como essa, além de atrelar o conteúdo programado a uma problemática local e global, promove a interdisciplinaridade, a transversalidade, a inclusão de discentes com baixo rendimento, contribuindo também para atrair aqueles alunos que se afastam da escola por achá-la pouco atrativa.

A partir dessa problemática, a educação ambiental na instituição escolar torna-se cada vez mais necessária, tendo em vista que, a escola é um espaço de construção e disseminação dos saberes é relevante levar tais discussões para salas de aulas e a partir delas desenvolver com os educandos conceitos mais coesos, consistentes e críticos a respeito do meio ambiente e mais do que isso envolvê-los em ações construtivas e permanentes junto a comunidade na expectativa de que absorvam noções de redução de consumo e reutilização de matérias reciclados, praticando-as e repassando tais conhecimentos a população das redondezas onde está inserida a EEEFM Professor Raul Cordula em Campina Grande, PB.

Nesta ótica, com a chegada da década de 1970 o debate sobre a educação ambiental tornou-se mais incisivo visto que, a demanda por novas fontes de energia em decorrência da crise do petróleo acentuaram-se, além das críticas as derrubadas das grandes florestas e poluição das águas já causavam polêmica em nível internacional.

No entanto, este debate chegava de forma muito tímida nas escolas brasileiras, pois o país enfrentava uma ditadura, desta forma, os livros didáticos censurados não atreviam-se a denunciar problemas de ordem ambiental ou social. Seguindo esse raciocínio Loureiro (2004, p. 244) enfatiza:

A literatura especializada por inúmeras vezes destacou que a educação ambiental teve seu início reconhecido publicamente nos anos de 1970, durante a ditadura militar, por dentro do aparato estatal ambiental e em (poucas) organizações ambientalistas de cunho mais conservacionista (cujas principais lideranças eram militares). Nessa época, não poderia ser diferente, a educação ambiental foi reduzida pelo discurso dominante à transmissão de conhecimentos ecológicos, ao ensino de técnicas e de comportamentos ecologicamente viáveis, mesmo que pudéssemos identificar algumas falas e práticas mais políticas em pessoas e grupos.

Com a redemocratização do país o debate foi ampliando-se, obviamente não tanto quanto o pretendido, mas na constituição de 1988, o documento que rege os

princípios, leis, e garantias fundamentais de nosso país, estabeleceu as incumbências do poder público acerca do meio ambiente e da educação ambiental. Sobre esta questão conforme Édis Milaré (2003, p. 136), aos direitos individuais e coletivos listados no art. 5º da Constituição Federal de 1988 anexou o legislador constituinte, “no caput do art. 225, um nupérrimo direito fundamental da pessoa humana, voltado ao usufruto de adequadas situações de existência em um ambiente salutar” ou “ecologicamente harmonioso”.

Nessa perspectiva a educação ambiental tem um papel impar nas instituições de ensino, porém é fato observando tanto empiricamente quanto através das pesquisas bibliográficas que a dificuldade da inserção significativa da EA ocorre devido a fatores como a excessiva carga horária dos docentes, desvalorização salarial, poucos investimentos em formação continuada com bolsas de baixa remuneração, além de uma questão cultural enraizada e disseminada na sociedade pelos veículos de comunicação que pouco auxiliam quanto ao processo de efetivação de uma educação ambiental no Brasil.

A cultura de massa difunde a ideia do consumismo liderada pelo sistema capitalista, que dissemina a lógica do desperdício, causando desequilíbrios ambientais e tornando o modo de produção cada vez mais insustentável (CARVALHO 2006).

Na concepção de Chalita (2002, p. 34), a educação constitui-se como maior força hegemônica de todos os instrumentos de realização no mundo para a estruturação de novos conceitos e conseqüente transformação de práticas e costumes. É também o aparelho de construção do saber e a maneira com que toda a evolução intelectual conquistada é transmitida de uma geração a outra, admitindo, com isso, os princípios comprovados de cada geração que progride um passo em relação à anterior na esfera do conhecimento científico e geral.

Mas a questão central é como trabalhar educação ambiental nos espaços escolares, sem resumir-se a realização do repetitivo, do trabalho invocado todos os anos diante da semana do meio ambiente, de forma pontual e isolada. Sato (2002, p. 35) revela:

Há diferentes formas de incluir a temática ambiental nos currículos escolares, como atividades artísticas, experiências práticas, atividades fora de sala de aula, produção de materiais locais, projetos ou qualquer outra atividade que conduza os alunos a serem reconhecidos como agentes ativos no processo que norteia a política ambientalista. Cabe aos professores, por intermédio de prática interdisciplinar, proporem novas metodologias que favoreçam a implementação da

Educação Ambiental, sempre considerando o ambiente imediato, relacionado a exemplos de problemas atualizados.

Vale ressaltar que é de extrema importância formar cidadãos conscientes e atuantes, para isso é necessário que esses sujeitos sejam capazes de mudar atitudes, formar novos conceitos e desenvolver novas ações e práticas em suas comunidades. Jacobi (2003), chama atenção de forma clara e veemente para o grande problema ambiental nas grandes cidades, e de como a EA deve se posicionar diante deste fato, afirmando que esta deve ser vista como uma aprendizagem permanente valorizando os diversos tipos de conhecimento e que precisa conscientizar os cidadãos de forma local e planetária.

Nesta perspectiva os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, introduz em sua estrutura de diretrizes nacionais os temas transversais, dentre esses temas destacamos a temática Meio Ambiente, com isso, é notório a preocupação com as ações mitigadoras em prol do espaço ecológico, na busca pela redução dos impactos e na ampliação das propostas curriculares interdisciplinares que atendam a formar educandos com novas convicções e atitudes frente ao meio ambiente.

O autor ainda preocupa-se com a geração de empregos que apresentem práticas sustentáveis, reforçando a ideia de fiscalização e controle ambiental. Por fim, realizar projetos nas escolas que visem à utilização de materiais recicláveis na produção de variados artefatos em prol da responsabilidade socioambiental e que mirem à difusão de tais conhecimentos as comunidades poderá acrescentar aos seus hábitos e aos aspectos econômicos.

Metodologia Empregada

A metodologia utilizada para a execução do projeto na escola foi a pesquisa ação qualitativa. Pois trabalhamos com alunos do turno da tarde (uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental e 2 turmas do 1º ano e uma do 2º ano do Ensino Médio da escola EEEFM Professor Raul Cordula e com a comunidade escolar, de modo a explorar as capacidades de criação e cooperação dos sujeitos acerca dos benefícios da reciclagem.

A escolha das turmas se deu por conta do conteúdo programado, tendo em vista que, este, está diretamente associado à educação ambiental. No 9º ano a relação entre teoria e prática se dá por conta da exploração dos EUA frente aos recursos naturais de maneira geral, nos 1º anos se dá pelo fato de estamos estudando mudanças climáticas,

suas implicações, a importância do solo e a preservação dos recursos hídricos e por fim no 2º ano a relação entre prática e teoria ocorre na relação que é estabelecida entre os problemas ambientais urbanos e a produção excessiva do lixo.

Este projeto que foi desenvolvido tendo como eixo a disciplina de Geografia também teve o suporte da disciplina de matemática já que os alunos trabalharam a parte das habilidades de criação na produção de artefatos com os materiais recicláveis e com isso necessitarão do domínio dos sistemas de medidas além da necessidade de compreensão da matemática financeira. A disciplina de Língua portuguesa também auxiliou os estudantes, ensinando-os o gênero entrevistas, no auxílio a elaboração dos questionários, na interpretação e produção de textos sobre a problemática ambiental.

O primeiro ponto foi o trabalho interdisciplinar, o segundo aspecto relevante para o projeto esteve junto a aprendizagem de um conceito amplo e globalizante sobre o meio ambiente, o terceiro foi a prática dos alunos ao manusearem e criarem objetos úteis e comerciáveis com os matérias recicláveis e por fim a organização das oficinas na escola, onde a comunidade aprendeu com os alunos como reciclar e produzir bolsas, luminárias, porta lápis, abajures, organizadores e estojos.

Para realização deste projeto foram necessários:

- Dvds e vídeos educativos sobre os problemas ambientais apresentados em data show;
- Materiais recicláveis (caixa de leite, vidro, latas, papelão e garrafa pet)
- Tecidos, cola, pincéis, botões, espuma, tesouras, fitas de cetim, sianinhas, colher de aniversário, bastão de cola quente e EVA.
- Reuniões com líder comunitária;
- Elaboração de questionários

Avaliação e monitoramento

Quanto à avaliação está ocorreu no decorrer de dois bimestres o 2º e 3º. Os alunos escolheram o tipo de artefato que mais os agradaram para produzir, havendo o incentivo para aqueles que já sabem confeccionar algum produto com matérias recicláveis, que o produziram, apresentaram e ensinaram aos demais alunos participantes. Ao passo que todos os alunos conheceram o passo a passo da produção dos artefatos junto com a professora de Geografia responsável pelo projeto, bem como os professores de Matemática e Português.

Os discentes tiraram dúvidas com a líder comunitária a respeito do que é ser um cidadão participativo e integrante, além conhecer e dialogar com alguns moradores que sobrevivem de reciclagem.

Os alunos também foram divididos em grupos de acordo com o artefato que escolheram e gravaram vídeos nos quais ensinaram a produzir determinado produto. Os vídeos foram gravados em horário oposto ao das aulas regulares dos educandos. Abaixo podemos observar algumas imagens da parte prática do trabalho.



Oficina referente a turma do 9º ano.



Oficina referente ao 9º e 2º anos.



Oficinas nos 2º anos, produção independente.

Para as oficinas, cada grupo palestrou sobre seu produto garrafa, caixa de leite, lata, vidro e papelão e explicaram os danos que tais materiais causam ao meio ambiente com destaque para o meio urbano, já que este, ganha na produção de lixo buscando chamar atenção para o problema e apresentando uma ação que pode ser realizada de forma barata, lucrativa à comunidade: ensinando-a a utilizar de maneira inteligente tais recursos.

Considerações finais

É importante valorizar o corpo discente das instituições educacionais onde lecionamos a fim de propor novas dinâmicas, que exijam diversas habilidades, pois vivemos em um espaço globalizado, repleto de novas funcionalidades, onde os sujeitos devem estar preparados para possuírem agilidade, e iniciativa enquanto cidadãos cômicos de suas possibilidades e isso a escola precisa proporcionar.

Sem dúvida, uma das questões centrais almejadas é a facilidade de relacionar os conteúdos e fazer com que estes não sejam memorizados mais sim compreendidos em sua extensão faz este plano de ação aspirar à função que é integrar e facilitar a aprendizagem, o domínio de habilidades, técnicas e realizar associações, buscando desenvolver o espírito crítico e a elevação de consciência modificando hábitos e criando novas possibilidades para que esses jovens possam viver com melhor qualidade de vida.

Contudo, a participação efetiva dos estudantes no projeto despertou-os para a problemática ambiental bem como para as habilidades manuais para a produção dos artefatos confeccionados a partir dos materiais recicláveis, fazendo com que percebessem o lixo, ou melhor, resíduo sólido, como matéria-prima necessária para a produção de artefatos úteis e comerciáveis.

Referencias

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006. CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2002.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2002.

JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998.

LEFF, Enrique. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2000.

LOUREIRO, C. F. B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

MILARÍ, Edis. Direito do ambiente. 3. ed. rev. atual e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998. p.43-50.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

SCHINKE, Gert. Ecologia política. Santa Maria: Tchê!, 1986.